

Senador do Piauí puxa fimaria briga e diz besteiras

11 SET 1980

BRASÍLIA (Sucursal) — Inesperadamente, o ambiente tranquilo da Comissão de Constituição e Justiça do Senado foi substituído por uma prolongada troca de ríspidos ataques pessoais, envolvendo os senadores Leite Chaves (PDT-PR), Franco Montoro (PMDB-SP) e Helvídio Nunes (PDS-PI).

A observação irônica de Leite Chaves de que "ganharam as multinacionais", com a rejeição, pela maioria do PDS, do parecer favorável do senador Bernardino Viana (PDS-PI) ao projeto do senador Pedro Simon (PMDB-RS), que estabelece o prazo de cinco anos para o lançamento de novos modelos e marcas de automóveis nacionais, Helvídio Nunes revidou violentamente à insinuação, sob a alegação de que ele não representava aquelas empresas.

Helvídio Nunes, visivelmente alterado, criticou, então, a incoerência de Leite Chaves no campo político, pois assim como, naquele momento, procurava retificar sua acusação: há tempos andara revisando a taquigrafia do Senado para retificar conceitos sobre instituições militares.

Leite Chaves, por sua vez também alterado, historiou, a seu modo, o episódio referido: foi o então presidente do Senado, Magalhães Pinto (ARENA-MG), que determinara o recolhimento de todos os exemplares do Diário do Congresso que publicava um seu aparte da tribuna daquela casa, criticando o DOI-CODI paulista como responsável pela morte do jornalista Vladimir Herzog. E Magalhães Pinto, segundo Chaves, procedera daquela forma porque o então presidente Geisel estava disposto a cassar o seu mandato, se o aparte fosse publicado.

— Vossa Excelência é um demagogo, e um demagogo barato — atacou Helvídio Nunes, pálido.

Franco Montoro, em sua tentativa de esclarecer que com a rejeição do projeto de Pedro Simon, as beneficiárias seriam as empresas mul-

tinacionais, verdadeiras proprietárias das fábricas de automóveis no Brasil, foi violentamente atacado por Helvídio Nunes, que o acusou de ser "um homem obsecado pelo seu personalismo".

— A impertinência do senador Helvídio Nunes tem um limite. Mas ele insiste em ataques pessoais, e eu não tenho nenhuma obrigação de aceitar esses ataques — gritou Franco Montoro, sugerindo, em seguida, ao senador governista que se ativesse ao exame dos projetos, pois se quisesse formular ataques pessoais fosse à tribuna do Senado onde ele, Montoro, os revidaria.

A advertência de Leite Chaves no sentido de que Helvídio Nunes não se emocionasse, pois fora recentemente operado do coração (o senador piauiense fez três pontes Safena), pois o que tinha havido foi um mal-entendido, Montoro reagiu: "No meu caso, não foi mal-entendido; foi ofensa, que eu repilo".

Antes de ser encerrada a reunião, o senador Helvídio Nunes ameaçou deixar de ser membro de todas as comissões do Senado das quais Franco Montoro e Leite Chaves participassem.

Na mesma reunião embora contra a vontade do senador Hugo Ramos (PP-RJ) manifestada em outra ocasião a Comissão de Constituição e Justiça acolheu parecer do senador Adherbal Jurema (PDS-PE) favorável à representação do líder do PMDB, senador Paulo Brossard (RS), pedindo a substituição do representante fluminense por um representante do PMDB. E que Hugo Ramos, ao ser extinto o MDR ficou durante algum tempo sem legenda, acabando por optar pelo PP quando a vaga na comissão é do PMDB.

★ Nem o senador Montoro é obrigado a ouvir as besteiras do seu colega do Piauí, nem o povo é obrigado a pagar senadores para ficarem de brigas idiotas.